

## RILKE A LOU ANDREAS-SALOMÉ EM MUNIQUE<sup>1</sup>

(No cabeçalho:) *Wegwarten*

René Maria Rilke

Munique, Blütenstr. 8./1.  
15 de Maio de 1897.

Cara Senhora,

A hora crepuscular de ontem não foi a primeira que me foi permitido passar consigo. Permanece-me na memória uma outra, que me fez vivamente desejar voltar a encontrá-la. Era no Inverno, e todos os meus pensamentos, todos os meus olhares que o vento da Primavera dispersa por milhares de sítios, se tinham concentrado no meu exíguo quarto e no meu silencioso trabalho. Foi então que me chegou o número de Abril, de 96, da *Neue Deutsche Rundschau*, com uma palavra do Dr. Conrad referindo-me um ensaio intitulado *Jesus, o Judeu*<sup>2</sup>. Porquê? O Dr. Conrad lera algumas páginas das minhas *Visões de Cristo*<sup>3</sup> (cinco delas aparecerão em breve no *Gesellschaft*) e supunha que esse texto penetrante me interessaria. Enganou-se. Não foi o interesse que me levou cada vez mais longe nessa revelação; uma confiança plena de fé precedia-me nesse grave caminho e acabei por sentir uma espécie de júbilo ao encontrar, aquilo que as minhas epopeias sonhadas traduzem em visões, expresso com uma clareza tão magistral e a imensa autoridade de uma sagrada convicção. Essa foi a estranha hora crepuscular com a qual, ontem, não pude impedir-me de voltar a pensar.

Veja, cara Senhora, que tive o sentimento de que, através dessa concisão de bronze, através da força implacável dessas palavras, a minha obra se achava reconhecida, consagrada. Sentia-me como alguém que viu satisfeitos grandes sonhos, com a sua integral carga de bem e de mal; pois o seu ensaio era para os meus poemas aquilo que o sonho era para a realidade, o desejo no momento da sua satisfação<sup>4</sup>.

Compreende pois com que impaciência esperei a tarde de ontem? Teria podido, sem dúvida, dizer-lhe tudo isto então: é tão fácil, em redor de uma chávena de chá, desfiar algumas belas frases, impregnadas de calorosa admiração. Não era essa a minha intenção. Nessa primeira hora estivera só consigo e assim devia estar de novo — nesse momento em que o reconhecimento do meu coração por tal consagração transbordou.

Sempre pensei que se um ser humano deve a outro uma qualquer dádiva muito preciosa, um tal agradecimento deve permanecer um segredo entre eles.

Talvez me seja dada um dia oportunidade de lhe ler algumas dessas *Visões*, pois elas só existem na forma de manuscrito em minha casa. Não poderia conceber alegria mais profunda.

Se conseguir conciliar as coisas de modo a dirigir-me amanhã, *sexta-feira*, ao Teatro do Jardim, espero, cara Senhora, vê-la aí.

Mas estas linhas são apenas um agradecimento que há muito tempo espera a hora de se exprimir; poder pronunciar-lo é uma honra para o seu

René Maria Rilke.

#### RILKE A LOU ANDREAS-SALOMÉ EM MUNIQUE \*

*A Idade Média mente ao pretender que às freiras que encerradas no coração das celas, e na embriaguez das suas indolentes voluptuosidades, expõem os estigmas de Cristo nos seus corpos*

\* Num exemplar de *Traumgekrönt*, de 1897.

*onde o amor se corrompe como uma fonte,  
nunca um coração enfadado deu de beber à coragem.  
Nisso a Idade Média mente. Mas sob o jugo  
do quotidiano elas avançam através do tempo  
e a sua obra é como um caminho —  
essas estranhas que abrem a via ao Novo,  
que através das guerras leva à paz  
e, para além da morte, aos lugares da eternidade —  
essas estranhas carregam, inconscientes,  
nos seus corpos os estigmas de Jesus:  
pés feridos no caminho, mãos fatigadas,  
e esse selvagem ferimento do peito...*

À Senhora Lou Andreas-Salomé  
reconhecido por a ter voltado a encontrar.

René Maria Rilke.

Munique, Maio de 1897.

RILKE A LOU ANDREAS-SALOMÉ em Munique

(Munique, 31 de Maio de 1897)  
Manhã de segunda-feira.

*Cantos de Nostalgia*

V

Nostalgia canto:

*Eu sou para ti como uma aprendizagem  
e sorrio um pouco quando te enganas;  
sei que longe das solidões*

*caminhas para a grande felicidade  
e que encontrarás as minhas mãos.*

*Acompanho-te através de todas as prosas  
e os meus conselhos ensinam-te a compreender  
o profundo valor de toda a perda.  
Ou dito de outro modo: na mais humilde rosa,  
ver crescer a grande primavera.*

Ontem ao meio-dia havia sol que dava para dourar todo um reino — mesmo um reino muito pobre e não muito pequeno. Mas o ouro apenas não chegava. Estava muito triste. Percorri, com algumas rosas na mão, a cidade e a entrada do Jardim Inglês porque queria dar-lhe essas rosas. Mas em vez de as depor à sua porta com a chave de ouro, carreguei-as comigo por todo o lado, tremendo apenas com a impaciência de a encontrar nalgum lado. Contudo foi um pouco como quando se lança uma carta ao mar para que as ondas a levem até à costa onde está o amigo a quem é destinada. Há a certeza que a carta se vai perder ao largo e afundar-se. O mesmo aconteceu com as minhas rosas. Ao meio-dia, quando abandonei esses passeios e vi o triste aspecto das pálidas flores, invadiu-me a dolorosa angústia da solidão:

*Encontrei rosas nos caminhos longínquos.  
É com o rebento  
que mal consigo transportar,  
que desejaria cruzar-te.*

*É como se te procurasse  
com pálidos órfãos —  
e tu, tu fosses para essas pobres  
rosas, presença maternal.*

À tarde, no Jardim Inglês, encontrei a Senhora Rütling. Ela procurou-a em casa da Menina Goudstikker e estava também

triste por não a ter encontrado. Pude, assim pelo menos, falar de si com alguém. — A Senhora Rütling, na sua bondade, desempenhou um activo papel na fatal ameaça do conselho de revisão, e está disposta a intervir junto de um embaixador. É de uma bondade bem rara.

Contudo, apesar das suas possíveis consequências, o conselho de revisão não me assusta tanto neste momento como a obrigação em que me encontro de partir daqui.

Isso enche-me de angústia. —

Devo partir sem dúvida *quarta-feira* à tarde ou *quinta* de manhã e estendo as duas mãos para qualquer segundo que queira conceder daqui até lá ao seu

René Maria.

Terei, sem dúvida, ainda notícias suas esta tarde?

RILKE A LOU ANDREAS-SALOMÉ em Munique.

(Munique, quinta-feira, 3 de Junho de 1897)\*

Amanhã de manhã, resolvida a questão militar, receberá um telegrama contando-lhe tudo o que se passou, se posso regressar imediatamente, e muitas outras coisas que não serão ditas, mas que mesmo assim adivinhará.

Os cantos da nostalgia!

Continuam a ressoar como antes nas minhas cartas, uma vez muito alto, outras de modo oculto, para que apenas tu possas entendê-los... Mas serão de qualquer modo diferentes — diferentes do que têm sido. Porque olhei a nostalgia, de muito próximo, nos olhos, e ela conduziu-me com mão segura.

\*Faltam o início e uma parte do meio da carta.